

Textos

Ricardo José Stolfo

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 30/04/2006

Título : A façanha de nossos avós

Categoria: Artigos

Descrição: Recordar é viver, diz o provérbio popular. A história é a mestra da vida, ensinam os mestres.

A façanha de nossos avós

RICARDO J. STOLFO

Recordar é viver, diz o provérbio popular. A história é a mestra da vida, ensinam os mestres. Seja como for, o certo é que, ao completar cento e trinta anos da imigração italiana no Rio Grande do Sul, muitos voltam ao passado para descobrir algum motivo dessa façanha de nossos avós ou bisavós.

Sim, houve uma razão histórica, segundo se sabe, suficientemente forte, que levou os imigrantes italianos a largarem sua pátria-mãe para trás. A Itália, naquela época, vivia momentos duros, difíceis.

A divisão, entre os que tinham e os que não tinham nada, era simplesmente abismal. Se, de um lado, os palácios guardavam o ouro, de outro faltava pão, o mínimo indispensável para a sobrevivência.

O Imperador do Brasil, o sábio e viajado Dom Pedro II, e o governo italiano vinham trocando idéias a respeito. Este tinha consciência da situação. Aquele procurou tirar proveito, a fim de ocupar o nosso imenso e despovoado país, sobretudo no sul.

Para o governo italiano tudo indicava que existia urgente conveniência (por pouco não se arrependeu). Mais que conveniência, para o Brasil havia necessidade de gente, de mão-de-obra produtiva e, de alguma forma, comprovadamente poderosa e criativa. A causa, portanto, da vinda dos italianos para cá correspondia à vontade de ambos os governos.

Aqui, o Imperador, com a imigração alemã em Nova Friburgo (RJ) e São Leopoldo (RS), percebera o êxito de seu projeto. Com certeza os italianos não falhariam, pois trariam consigo não apenas o desejo de serem donos de terras e senhores do seu nariz, mas, acima de tudo, estariam livres das opressões e trabalhos mal pagos em sua velha pátria.

Daí, a partida para a América foi uma questão de recolher as tralhas, juntar famílias e famílias, enfim, uma multidão que, de várias partes, do Vêneto, da Lombardia e do Tirol, tomaram a direção do porto de Gênova.

O número exato de imigrantes talvez nunca se conhecerá. Por obra, no entanto, de um diário que registrou as primeiras viagens de navio rumo ao Brasil, restou um apontamento de cinquenta navios (dois mil imigrantes por viagem). Havia um planejamento inicial de cem navios.

De posse da serra gaúcha dividida em lotes por agrimensor oficial, as famílias, com obstinação e criatividade, logo saborearam os frutos da terra: pão e vinho em abundância.

A paisagem selvagem mudaria de fisionomia como por encanto. O escritor brasileiro Plínio Salgado, ao visitar o lugar anos mais tarde, contemplaria os parreirais como "lagos suspensos". A fartura (la cucagna in Mérica) deixaria de ser um sonho para se tornar uma palpável realidade.

Um brinde, Imperador!

(Ricardo J. Stolfo é advogado e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte n° 4

Data : 31/12/2003

Título : Auto do livro

Categoria: Artigos

Descrição: A palavra, desde sua invenção, tem lá suas magias, pois conserva algo de simbolismo e um pequeno grande mistério sempre envolto, talvez, insondável.

Auto do livro

RICARDO JOSÉ STOLFO

A palavra, desde sua invenção, tem lá suas magias, pois conserva algo de simbolismo e um pequeno grande mistério sempre envolto, talvez, insondável.

O livro é a sua revelação mais palpável, mais atraente e provocativa. Logo que a criança toma conhecimento dele, sente-se fascinada pela sua magia. Popucha é uma dessas crianças maravilhosas, e cedo descobriu o encanto das palavras.

- Livrinho? Legal! - exclama, fixando os olhinhos no recém-descoberto amigo. Este retribui com um diálogo permanente, aberto.

Com o passar dos dias, outros livrinhos de letras graúdas e cores brilhantes espalham-se pela sala, no sofá. A casa inteira parece compreender a nova alegria, a nova descoberta da pequena criatura.

Alguém precisa ficar disponível para as solicitações:

- Leia! Leia!

- Qual que você quer?

Sua mão delicada toma a historinha próxima, mas ela tem opções e pede a outra preferida.

Depois sossega, senta e escuta com atenção especial em completo silêncio. Até o fim.

Reprimendas? Nenhuma. Não há lugar nem tempo para tais invencionices desnecessárias, impróprias para esse momento da criança feliz.

Outro dia, tomou uma cadeira, encostou na estante alta e puxou um livrão com a flora e a fauna inteira, a cores e a seu inteiro dispor.

Em pouco tempo, percorreu os trópicos, a Antártida, num passeio repleto de surpresas e deveras aliciante. Em poucas horas, vasculhou e conheceu os oceanos, os peixes, o tubarão, a baleia; os continentes, as feras, o leão, a jibóia; os pássaros, a coruja, o beija-flor, enfim, um mundão de coisas e animais.

Este ano, Popucha entrou na escola pela porta do jardim, um ambiente algo maior que seu lar, com uma turminha numerosa, inquieta e barulhenta. Os encontros diários e as festas fizeram nascer nela outros laços de amizade.

Sua atenção, porém, está centrada nos cartazes, nos papéis coloridos, nos seus prediletos livrinhos que a escola oferece, detonando visível e profunda paixão.

Certa ocasião, no momento do recreio, Popucha afastou-se dos colegas, seguiu um longo corredor, chegando a uma sala enorme, cheia de livros. Quedou estática e maravilhada com tudo aquilo à sua frente.

- Mamãe! Mamãe! Ali no fundo do colégio, uma sala grandona está cheia, cheia de livros.

- Você quer um? - perguntou a mãe, disposta a atender qualquer pedido da filha.

- Sim! - respondeu, dando um beijo de felicidade.

No caminho para casa, a mãe tentou explicar, e ela ficou sabendo que muitas crianças não possuem nenhum livrinho para ler ou mesmo para escutar historinhas. Mas Popucha não entende como isso ainda pode acontecer.

Da revista

Água da Fonte nº 0

Data : 31/12/2003

Título : Poema das mãos

Categoria: Poesia

Descrição: Eu tenho o tempo nas mãos Eu tenho a vida nas mãos

Poema das mãos

Eu tenho o tempo nas mãos

Eu tenho a vida nas mãos

Eu tenho o desejo,

a claridade,

o medo

Nas minhas limitadas mãos.

Mas o tempo não me pertence

A vida não me pertence

Nada hoje me pertence
Minhas mãos estão feridas,
quebradas.
E, tudo, são fragilidades!

Amanhã,
se é que haverá outra manhã,
Com minhas mãos
difundirei sonhos
E múltiplas flores às crianças
Pois elas aceitarão
os meus acenos
Derramarei afeto nas
almas doloridas
No temor hiper do irmão!

Então, amanhã minhas mãos estarão
novamente completas, limpas
para enxugar os olhos amargurados
para saciar doidamente
os corações despedaçados e vazios!

A sombra, o ódio, a desesperança
Subitamente
cederão ao impacto do claro dia
Para a colheita
e o canto dos homens livres.

Oh! as mãos gêmeas e livres!

Da revista
Água da Fonte nº 0

Data : 30/04/2004

Título : Simões Lopes Neto: o regionalista maior

Categoria: Discursos

Descrição: O jovem comendador chegou com foro de fidalgo, ostentando no peito o Tosão de Ouro da Ordem da Cavalaria - que só aos nobres era dado usar - e que lhe fora outorgado por Dom João VI, rei de Portugal.

Simões Lopes Neto: o regionalista maior

RICARDO JOSÉ STOLFO

Não é fácil encontrar as expressões apropriadas, quando se quer manifestar, de público, o desejo de agradecer às pessoas que nos ajudaram a caminhar, a subir, sabendo que a escalada de uma existência sempre depende mais dos outros do que de nós mesmos. Este é, senhores, no entanto, o momento de agradecer, na simplicidade da minha fala, especialmente, ao presidente deste sodalício e aos ilustres confrades, pela oportunidade de participar da Academia Passo-Fundense de Letras, cenáculo de ação em prol das letras e da cultura pátrias.

Igualmente, sinto-me sumamente honrado em ocupar esta tribuna, nesta noite, para proferir palavras de homenagem a respeito de um tema muito caro à minha sensibilidade e ao meu gosto.

Faz-me recordar os tempos de escola, quando um grupo apaixonado pelas coisas da literatura, no afã de mais e mais descobrir e aprender, reunia-se em folgazã tertúlia motivada pelo coleguismo. Um dos componentes desse grupo, hoje disperso, cresceu, viajou, e jamais teria imaginado que hoje faria sua estréia na Academia Passo-Fundense de Letras.

Sei que é um sério compromisso, mas, certamente, o apoio e a amizade de todos tornarão, de minha parte, suave o compromisso.

Não posso, também, deixar de sublinhar que a escolha do meu patrono, o notável escritor rio-grandense, que foi João Simões Lopes Neto, me identifica ainda mais com o meu trabalho.

Realmente, bons momentos da minha vida se passaram no silêncio grande da campanha, e lá vi de perto a beleza da existência da nossa gente, ouvi contos e causos, aprendi vocábulos e expressões típicas, guardei fundo cenas coloridas, tão singularmente retratadas nas páginas deixadas pela figura magistral e incomparável de Simões Lopes Neto, o maior contista regional do Brasil.

E, para que tudo isso seja melhor compreendido, é mister remontar às origens de sua gente e de nosso povo; seguir, depois, pela mesma senda percorrida por ele, senda repleta de lances de coragem, bravura, lealdade, simplicidade, como a própria história gaúcha.

Em verdade, os ascendentes e descendentes de Simões Lopes Neto são elementos componentes de nossa história, enriquecida por suas heróicas virtudes e por suas magníficas obras, marcos de nossa cultura regional.

Nos primórdios do Século XIX, o jovem comendador João Simões Lopes deixou sua Lisboa, onde haviam nascido e morrido todos os seus antepassados, os Simões Lopes, e rumou para a província mais meridional do Brasil. Vinha atraído pela fama que, com justiça, estava gozando o Arraial, ainda sujeito à jurisdição da Vila de Rio Grande de São Pedro do Sul, de ser o mais próspero torrão do Brasil na indústria do charque, ali iniciada desde 1780, pelo cearense José Pinto Martins.

O jovem comendador chegou com foro de fidalgo, ostentando no peito o Tosão de Ouro da Ordem da Cavalaria - que só aos nobres era dado usar - e que lhe fora outorgado por Dom João VI, rei de Portugal.

Moço esbelto, educado e rico, foi logo apresentado a personalidades da terra às quais veio recomendado, não tardando a enamorar-se da não menos rica e bonita Isabel Dorotéia Carneiro de Fontoura, natural de Viamão, filha do ilustre sobrinha de Mariana Eufrásia, a maior doadora de terras para estabelecimentos pios e escolas de toda a Província do Sul.

E o casamento realizou-se. O novo casal fixou residência numa parte da famosa Estância dos Laranjais, que a madrinha de Isabel Dorotéia emprestou aos noivos, para ali darem início a sua vida de comércio e indústria. Corria o ano da graça de 1815, o mesmo em que o Arraial subiu à categoria de Freguesia de São Francisco de Paula, pelo extraordinário desenvolvimento saladeiril que lhe imprimia o cearense fundador daquela indústria, no Rio Grande do Sul.

Quando o comendador João Simões Lopes visitou diversas charqueadas, já em plena atividade, e constatou que a terra que escolhera era realmente da promessa, ergueu também a sua indústria no local onde morava, servindo-se de competentes profissionais e mais de cem escravos arrematados de um navio, na barra de Rio Grande.

Tudo naquele pedaço de terra parecia cooperar para o perfeito desenvolvimento dos negócios: a confortável casa residencial, as senzalas amplas e arejadas, os galpões do matadouro, sólidos, dominando uma planície em que se estendiam centenas de varais para curar ao sol, à geada, ao sopro livre do pampeiro, milhares de mantas de charque.

Não longe dali, corria sinuoso o importante rio singrado pelas pelotas de couro dos pacíficos índios minuanos e charruas, e pelos flamantes iates do comendador.

Quando, em 1819, faleceu a legítima proprietária daquelas terras, deixou em testamento para sua afilhada, Isabel Dorotéia Carneiro de Fontoura, e seu esposo João Simões Lopes, as muitas léguas de campo que, até então, o casal desfrutara por empréstimo.

O jovem herdeiro, uma vez de posse daquela terra imensurável, desmembrou-a da Estância dos Laranjais e deu-lhe o nome de Graça.

O motivo pelo qual esse ilustre senhor assim denominou sua estância foi o fato de ter recebido seu batismo na Igreja de Nossa Senhora das Graças, em Lisboa.

Daí o nome que até seu filho receberia nos títulos de nobreza.

A Graça, daí por diante, foi tomando gigantesco impulso. Embora distante da zona urbana, seu chefe era dos que mais lutavam pela prosperidade da freguesia, erguendo nela magníficas casas residenciais, dando apoio moral e material à fundação de centros recreativos, culturais e assistenciais.

Procurando também se elevar à altura do progresso agrícola e pastoril, comprava em diversos pontos da província e também no Uruguai, movimentando seus avultados negócios com tanta prudência e tino que, em poucos anos, sua já avultada fortuna triplicaria.

Não se pode passar por alto, nestes apontamentos biográficos de João Simões Lopes Neto, o maravilhoso recanto de evocações e saudades, que é a Graça.

Ali ele nasceu e passou a fase mais bela e feliz de sua existência. Ali sua alma infantil embebeu-se da paisagem daqueles campos "verdes, serenos, infinitos, clareados pela luz macia do sol morrente", que sua arte inconfundível iria depois immortalizar.

Esse o motivo por que, antes de entrar em detalhes dessa vida extraordinária, devo dizer o que é a Graça, o que ela representa para a família, os dramas que ali se desenrolaram, seus dias de ímpar grandeza, as passagens pitorescas da vida de seu pai. Catão Bonifácio Simões Lopes, fatos que por certo exerceram influência na formação regionalista do futuro estilizador do Negrinho do Pastoreio.

A Graça é uma estância com casa muito grande, erguida provavelmente antes de 1800 e que se não distingue – como nenhuma outra obra colonial - pela beleza arquitetônica. E antes uma vivenda confortável e simples, tranqüila e sóbria.

A amplidão do belo cenário natural que a cerca tornou-se, com o correr dos anos, mais limitada, porém mais grandiosos seus bosques frondescentes, com suas clareiras arenosas, cercadas pelo amontoamento emaranhado de majestosos umbus, pinheiros e figueiras, enrodilhados de cipós e cobertos pelas veneráveis barbas-de-pau, com que a natureza engalana os troncos vetustos como um sinal dos séculos.

Este recanto maravilhoso, que está vendo surgir a nova geração, pertence atualmente ao primo-irmão de João Simões Lopes Neto, Luis Simões Lopes que, como fiel guardador de um patrimônio histórico, vem procurando fazer dele um monumento - um templo sagrado - que perpetue o nome do escritor, restaurando o que os tufões que surgem a sua volta, há quase dois séculos, tentam em vão destruir.

Na Graça nasceram e se criaram os cinco filhos do comendador Lopes, entre eles João Simões Lopes Filho, que seria Cavaleiro de Cristo, barão da Graça, e, posteriormente, visconde da Graça, por decreto de Sua Majestade, D. Pedro II. É o avô paterno do nosso escritor. Aos 17 anos interrompeu os estudos para alistar-se nas fileiras de Bento Gonçalves.

Fundou, com um grupo de amigos, como ele, generosos - o Asilo de Mendigos e a Biblioteca de Pelotas - em prédio de sua propriedade. Auxiliou os governos do estado e do município, nas constantes dificuldades por que passou sua cidade e seu próprio Rio Grande do Sul.

Na Graça, sua residência predileta, criaram-se seus oito filhos, inclusive Catão Bonifácio, pai de Eufrásia, Silvana, Maria Isabel e João Simões Lopes Neto.

Catão Bonifácio era de tempera forte, aventureiro incorrigível, 1,92 de altura. Dele se contam fatos pitorescos.

Em 1857, estreava, no Teatro 7 de abril, a Companhia Dramática Rio-Grandense, com a peça de Alexandre Dumas. A Torre de Merle. cujo principal artista era Joaquim Ribeiro de Souza, discípulo de João Caetano. A casa estava literalmente lotada.

Catão Bonifácio mal acabava de entrar. Naquele momento o pano de boca subiu, desaparecendo nas bombolinas; e, no justo momento em que os artistas se movimentavam no palco, irrompeu nas galerias uma vaia que os deixou imobilizados.

Catão ficou revoltado, além de não haver motivo para tão grande desacato, a platéia já estava acompanhando a gritaria com batidas de bengala. E, quando ele compreendeu mesmo que os ânimos não se acalmavam, levantou e saiu porta afora, para entrar, no mesmo momento... a cavalo!

Igual fato aconteceu com ele, em dia de eleição, quando, não tendo com quem deixar o cavalo, entrou no recinto da prefeitura municipal, ante os olhares estupefatos dos votantes e de seu próprio pai.

No dia 14 de outubro de 1861, Catão unia-se para sempre com Tereza Freitas Belchior, meiga, encantadora, que, em poucos, anos, daria àquele marido sonhador, as filhas para as quais faria os mais promissores projetos, e o filho, para quem se voltariam as suas mais vivas esperanças.

Catão foi o último a instalar na Graça, após a boda, o seu mundo e o seu lar. Neste mesmo local, no dia 9 de março de 1865, nasceu João Simões Lopes Neto. Ivete Simões Lopes Barcellos Massot escreveria, muito mais tarde, relatando:

"A natureza satisfaz o desejo do pai e do avô. dando-lhes um menino; e João, único filho e único neto de estancieiros abastados, nascia para ter uma infância toda tecida de encantos e com tudo talhado para uma vida desafogada e feliz".

Simões Lopes Neto veio ao mundo no ano em que começou a Guerra do Paraguai, remate dos velhos conflitos platinos que tão severos tributos de sangue haviam custado ao Rio Grande do Sul. Invasida a província, a ela caberia suportar o peso do exército inimigo e, ainda, depois de a contra-ofensiva, fornecer os maiores contingentes de soldados para a invasão do Paraguai. As notícias da guerra chegavam na Graça como bombas:

"Foi assinada a Tríplice Aliança! Mitre assume o comando dos três exercitos! Rende-se Uruguaiana! Osório é elevado a Marechal de Campo...".

Foi sob uma atmosfera de luto e duras apreensões que Simões Lopes Neto passou os primeiros anos de sua infância.

Decorridos três anos da desintegração do lar, com a morte de sua extremosa mãe. Catão resolveu interná-lo no famoso Colégio Abílio, do Rio de Janeiro, na época o primeiro do país, educandário do grande mestre Abílio César Borges, Barão de Macahubas, renovador de métodos pedagógicos, onde se haviam educado Ruy Barbosa, Castro Alves, Raul Pompéia e os grandes vultos daquele tempo.

No referido colégio, João faria amizades duradouras. Coelho Neto, a quem João Simões Lopes Neto dedicaria uma de suas lendas, nunca o esqueceu e parece que tomou o rumo das letras influenciado pelo regionalista.

João, ao despedir-se desse amigo, pediu, abraçando-o: "Se algum dia te dedicares à literatura, lembra-te de mim ou, pelo menos, da minha terra, onde serás recebido de braços abertos".

Parece que isso aconteceu, porque no livro que Coelho Neto escreveu em colaboração com Olavo Bilac, o escritor termina o romance na cidade de Pelotas.

Após a cerimônia de recebimento de diploma com notas brilhantes, no Colégio Abílio, João ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Por motivo de grave enfermidade, interrompeu os estudos, depois de três anos e sete meses, retornando à velha querência. Voltava João com sólida bagagem de cultura, diretamente para a Graça, que o viu nascer. O seu amor pelo seu chão não se modificara. Apenas os hábitos estavam mudados. Com o gosto desenvolvido pelo estudo constante, João passou a viver entre os livros. No seu escritório não havia uma parede sem estantes, e nas estantes não havia um lugar vago. Nos momentos livres, quando não lia, deleitava-se com as histórias que se sucediam à boca do fogão.

Em 1880, juntamente com seu pai, instalou-se definitivamente na melhor propriedade da família, à Rua Paissandu, nº 2, um dos mais pitorescos recantos da cidade de Pelotas.

Era uma casa palaciana, cercada de jardins, com escadarias de mármore, internas e externas, que davam acesso ao escritório e aos dormitórios. Na frente, ladeando o senhorial portão, ficavam as duas cocheiras das carruagens, do pai e do filho.

A casa era linda, ampla, e suas salas, revestidas de tapetes e poltronas confortáveis, ostentavam riqueza e conforto.

Naquela casa passou a reunir-se o famoso bloco dos Simões Lopes, que ali resolviam problemas, faziam confidências, discutiam política, literatura.

Naquela casa João fez sua estréia no jornalismo, colaborando com o jornal A Pátria.

Em 1890 e 1891, ele escreveu umas peças ligeiras de teatro: O Major Credor, Jôjô e Jajá, Viúva Pitorra, A Mandinga. Mixórdia, Peona e Dona e Jango e Jorge.

Em 5 de maio de 1892, João Simões Lopes Neto casou-se com Paula Meirelles Leite. O casamento, no entanto, não modificou os hábitos da família.

Nesse ano, escreveu Sapatos de Bebe, O Bicho, e Nossos Filhos, pequenas peças teatrais.

Ainda nesse mesmo ano, deu início à revista O Boato, em colaboração com o jovem português. José Gomes Mendes. Igualmente, a peça teatral O Boato, escrita com bom humor, toda intercalada de ditos de grande espírito, foi encenada em 1894, no Teatro 7 de Abril, com verdadeiro sucesso de gargalhadas.

Em 1895, João Simões escreveu outras peças: Por Causa das Bichas, Fifina e a burleta Mixórdia, encenada em 1896. Em 1896, também em colaboração com Mendes, João Simões escreveu a sua mais importante peça teatral. Os Bacharéis, apresentada no Teatro 7 de Abril e repetida trinta vezes.

Com a colaboração da professora Idalina Calero de Carvalho, compôs o Hino à Imprensa, além de ligeiras composições musicais.

Com a colaboração da professora Idalina Calero de Carvalho, compôs o Hino à Imprensa, além de ligeiras composições musicais.

O talento de João revelava-se, desdobrava-se. Ditava as músicas, não admitindo que o maestro uruguaio Acosta fizesse a mudança de um ponto, de uma nota. Guiava os artistas e desenhava os cenários com extremo esmero.

Se o gênio das letras o bafejava, já não acontecia o mesmo com a fortuna. No Cadastro Municipal de Imóveis da Intendência Municipal de Pelotas, livro de 1892 a 1906, consta que lhe pertenciam: uma grande propriedade, à Rua Paissandu, número 2 (a casa que recebeu de seu pai, quando casou), e outra pequena casa, na mesma rua; uma grande propriedade, à Rua 7 de Abril (hoje, Pedro II), número 22, e outra menor, na mesma rua, número 50; na Rua Independência (hoje, Uruguai), perto da residência do Visconde, os prédios números: 53, 55, 57,63,67,71 e 73.

João Simões Lopes Neto podia ter vivido até o fim da vida como milionário que era e com o conforto a que fora habituado, mas não quis.

Ele tinha talento bastante para saber que o que saía de suas mãos jamais voltaria. Agiu conscientemente, metendo-se em negócios e indústrias que dariam um novo rumo a seus bens e a sua vida. Apenas para citar os principais empreendimentos que lhe valeram sérios prejuízos, embora as advertências dos familiares: um malogrado projeto de apicultura; a drenagem do arroio Santa Bárbara, de Pelotas; as minas de Santa Catarina; uma fábrica de cigarros; uma indústria de vidro; a exploração da pesca, em grande escala.

Quando foi dado por findo o negocio do peixe, João Simões Lopes Neto tinha assumido um alto cargo na Alfândega, cargo esse que devolveu, porque tinha um compromisso com sua mulher, de levá-la ao Rio de Janeiro, para a grande Exposição Nacional. Apesar de cada vez mais se afundar nesses infelizes negócios, a tal ponto que sua renda ficou por demais diminuída, Simões Lopes Neto nunca deixou de escrever.

Elaborou uma obra notável a que deu o nome de Reforma Ortográfica, e que o Ministério da Educação rejeitou, sob alegação de que era absurda a idéia de querer escrever machina com qui, phtysica apenas com t e phósphoro com f.

"Não é possível!" - disse um membro do Senado a um tio de Simões Lopes Neto, no Rio.

"Tem razão, doutor, o phósphoro com fé capaz de nem acender..."

João Simões Lopes Neto, vendo seu livro rejeitado, escreveu ligeira contradita à decisão do Conselho de Instrução Pública e não teve resposta.

Começou, então, com o mesmo interesse e entusiasmo, a sua nova obra. Aninha de Escrever, livro encantador, de estilo fácil, com gravuras coloridas feitas por ele, ortografia simplificada, com contos infantis desenvolvidos singelamente, que faria com que as crianças irem habituando-se a amar as nossas coisas, os nossos costumes, as nossas tradições, por seu poder de prender a atenção da garotada. Parecia advogar, vibrante de entusiasmo, a propaganda do nosso folclore e dos costumes do Rio Grande. Era tão grande seu amor pelo chão, que fundou em Pelotas o primeiro Centro de Tradições Gaúchas.

Era o ano de 1908. Simões Lopes Neto, arruinado economicamente, estava com apenas 43 anos de idade, portanto, no vigor da sua vida. Sabia que tinha forças e mocidade bastante para enfrentar a adversidade. Para amealhar fundos, desfez-se de seu palacete de moradia e de todos os bens móveis de valor.

Feito isso, alugou uma modesta casa na Rua 15 de Novembro, onde passou a residir.

E atirou-se, com simplicidade, à peleja da pena.

Um dia, confidenciou:

“Estou feliz, Fadinha! Estou cansado dos fracassos comerciais e enjoado do dinheiro que me causou apenas aborrecimentos. Tenho a impressão de estar entrando num período de paz. para realizar o meu sonho”.

E, a um amigo, disse:

"Fiz como o Blau Nunes, o gaúcho que vai figurar na lenda de que te falei. Mendes: tracei sobre o peito uma cruz larga de defesa e fiquei com o coração aliviado, retinindo, como se dentro dele cantasse o passarinho verde...”.

Provavelmente, outro que não fosse João Simões Lopes Neto, ao constatar a derrocada de seus bens, teria ficado arrasado. Com ele deu-se justamente o contrário: os prejuízos lhe serviram de incentivo ao trabalho literário a que se entregou de coração, despindo-se das galas, para entrar definitivamente no mundo encantado das letras, entregando-se de corpo e alma à ocupação conscienciosa das obras que acabaram glorificando-o.

Naquela casa modesta, o escritor pôde espiritualmente meter-se na pele de Blau, para viver dentro dela setenta páginas, retratando-se no vaqueano que abre mão da moeda maldita, para viver na paz abençoada que o dinheiro não compra. Estava certo, segundo as palavras postas na boca da personagem:

"De que era pobre, porém comeria em paz o seu churrasco, dormiria em paz a sua sesta, viveria em paz a sua vida...”.

Tinha entendimento copioso para compreender que acabava de sair de um inferno de lutas infrutíferas, atordoantes, para elevar-se à altura do ideal onde refulgia a luz que, havia 30 anos, procurava.

Em 1910, deu por findo o Cancioneiro Guasca, fazendo com ele sua estréia, obra de paciência, reunindo quadrinhas populares do Brasil inteiro. Trabalho moroso, porque o escritor nessa ocasião estava fazendo conferências em diversas cidades do estado e perdia muito tempo burilando a palestra, até julgá-la uma obra-prima.

Palestras, fez algumas sobre o nosso folclore, com expressões gauchescas, de uma graça extraordinária, e outras cívicas e literárias, onde usava o clássico e o acadêmico, com grande eloquência.

As últimas, não se sabe como foram feitas, pois, além de estar escrevendo os seus contos, era lente da Escola de Comércio, dava aulas particulares e já estava no jornalismo.

Foi nessa época que exerceu o cargo de diretor-redator do Correio Mercantil, e posteriormente do jornal A Opinião Pública, no ano de sua morte.

Em 1912 e 1913, respectivamente, foram publicados Contos Gauchescos e Lendas do Sul, sua obra fundamental, pedra de toque do engenho do escrito, que não procura idealizar a vida campeira. e por isso não corre o risco de falsificá-la. Certamente as suas experiências de menino, as formas de vida e ação que então o envolveram, lhe deram o conteúdo e a expressão de seus contos, chegando a um grau de autenticidade que se pode qualificar de genial.

Não é possível destacar, num trabalho como este, aspectos singulares da obra de Simões Lopes Neto, mas pode-se afirmar, com segurança, que soube melhor do que ninguém exaltar a honra, a bravura, a lealdade, a elevação de sentimento e o espírito de aventura, enfim, definir o protótipo do gaúcho.

Sua sintaxe é dinâmica e cheia de imprevistos. Os arrojos de construção do escritor rio-grandense, com seus cortes bruscos, a expressão condensada ao máximo, pela nudez de seus ingredientes, são soluções como só vamos encontrar na laboriosa experiência dos poetas modernos. Guiado pela intuição de artista nato, escrevia com uma sobriedade e com rasgos de economia estilística que surpreendem.

As imagens, os diálogos, as breves manchas de paisagem, parece que dispensam as palavras e saltam do texto numa animação de formas vivas.

Sua pequena obra se oferece como um retorno ao paraíso perdido das coisas simples. O que ela nos mostra, sob uma atmosfera saudável e viril, são criaturas inteiriças, fiéis à lei do instinto, para o bem ou para o mal. Nenhuma mistura, pois a mistura leva à dúvida e à confusão. Todos os caminhos são claros e abertos, e nos restituem a um mundo onde o milagre acontece a cada momento:

"Caiu a serenada silenciosa e molhou os pastos, as asas dos pássaros e a casca das frutas."

No dia 12 de junho de 1916, foi tomar café, o da tarde, de que tanto gostava, na casa de um parente.

O termômetro marcava três graus, e o vento, acompanhado de neblina, fustigava como chicotadas.

Tomou café, enrolou o pala no pescoço, e saiu. Foi o último café da tarde.

Dois dias depois estava morto. Mais um morto imortalizado nas letras gaúchas.

João Simões desapareceu no vigor dos anos, em meio à vida, deixando caladas para sempre as riquezas incalculáveis do seu talento.

Morreu como um lutador heróico, combatendo por um ideal e deixando obras que não representam apenas uma glória. Elas são também um exemplo de

perseverança, dentro de uma vida que foi modelo de dignidade e desprendimento.

(Ensaio Literário apresentado por Ricardo José Stolfo na Academia Passo-Fundense de Letras, em maio de 1976. Originalmente publicado no Anuário da Academia Passo-Fundense de Letras de 1977, d.59-73).

da revista

Água da Fonte nº 1